

PRODUTOR: Emissora Nacional



RDP



X

Nº. de referência: 65-2

Título: "UM PROCESSO"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): VERGA, GIOVANNI

Adaptador: BRANCAMP, ROSÁLIA

Realizador: ?

Locutor: ?

Data de produção:

Data de Emissão: 4/1977

Nº. de Episódios:

ACTORES	PERSONAGENS
	1º. HOMEM
	2º. "
	PRESIDENTE
	REU
	1º. TESTE MUJER
	2º. "
	VALERIA
	ADVOGADO

Estado de conservação: Bom



Razoável

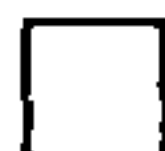


Mau



Tipo de Suporte:

Original



Cópia



Registo Sonoro: Sim



Não



Nº do Registo Sonoro:

16 de

(V.S.F.F.)



Notas:

- NÃO EXISTE REGISTO DOS NOMES DOS ACTORES

Indexação: - TEATRO RADIFÓNICO

Original deste
peço foi servido a
Autore

MINI-TEATRO

UM PROCESSO

original

(Adaptação da novela de GIOVANNI VERGA)

do mesmo título)

Adaptação de Rosália
Brancauf

Abil

77

Autore

(Rumor de multidão enfurecida - Vozear)

1º Homem - Os carabineiros levam agora o tal carregador que matou
aquele rapaz novo, por ciúme. A multidão, por sua vontade,
desejaria fazer justiça sumária.

2º HOMEM - Gente emocionável. Para mais, ter esse gesto por uma mu-
lher daquelas. E a vítima, embora um rapaz novo, era casado,
pai de família.

1º HOMEM - Olha, vem além a viúva, como Maria Madalena, pedir justiça
a Deus e aos homens. Impressiona, assim de luto, desgre-
nhada, com os seus órfãos agarrados às saias.

1º HOMEM - Bem, entremos no Tribunal, para assistir ao julgamento.

— Separador —
(Passos. Vozear de público)

2º Homem - Repara, o contínuo anda a mostrar aos jurados a arma com
que foi cometido o assassinio. Olha para aquilo. É uma
façeta de algibeira, pouco maior que um canivete dos
que se usam para os figos bravos.

1º HOMEM - Ainda está suja de sangue até ao cabo. Atenção, parece
que o Presidente do Tribunal vai falar.

. PRESIDENTE - Diga o réu: foi com esta arma que matou Rosário Testa?

O RÉU - Sim, senhor. Foi com aquilo.

(Murmúrio entre o público)

1º HOMEM - Apesar do calor deste Julho, o julgamento promete prender a atenção do público.

2º Homem - Não é que esteja muita gente. Está a família do morto e vieram amigos do morto e conhecidos dele, por curiosidade.

1º HOMEM - Ai os olhos que a viuva deita ao réu...

2º HOMEM - Coitada, chora, a sua bela juventude destroçada.

PRESIDENTE - Vamos ouvir as testemunhas de acusação. 1ª testemunha, faz favor de ~~fixar~~ depor.

1ª TESTEMUNHA - Eu era amigo do morto. Era um pobre diabo, não fazia mal a uma mosca. Um rapaz amigo da mulher e dos filhos. Bom trabalhador. Seria incapaz de provocar o réu.

VOZES FEMININAS, (entre a multidão) - Justiça! Justiça!

(Choro de crianças)

2ª TESTEMUNHA - Também só tenho a abonar o bom comportamento ~~do~~ ~~do~~ cívico do falecido e a sua dedicação à família.

PRESIDENTE - Chamem a mulher que deu causa ao crime.

(Murmúrios entre o público).

PRESIDENTE - Como se chama?

MALERBA - Chamam-me a Malerba.

(Risos no auditório)

MALERBA - Esse homem que está a responder também me chamava assim.

PRESIDENTE - De quem é filha?

MALERBA - De ninguém.

PRESIDENTE - Quantos anos tem?

MALERBA - Não sei.

PRESIDENTE - Qual é a sua profissão?

MALERBA - Mundana.

(Gargalhadas no auditório)

(Agitar de campanha, a impor silêncio)

PRESIDENTE - Silêncio!

MALERBA - Sim, mundana.

PRESIDENTE - Basta, já compreendemos. Há muito tempo que conhecia o
acusado?

MALERBA - Sim, senhor. Esta cicatriz na cara fez-na ele, há 3 anos.

PRESIDENTE - E não se queixou dele às autoridades?

MALERBA - Não, Era sinal de que me queria bem.

PRESIDENTE - Assistiu à morte de Rosário Testa?

MALERBA - Sim, senhor. Foi na Marinha, no dia de Todos os Santos.

PRESIDENTE - E conhece o motivo?

MALERBA - Por este homem ser ciumento.

PRESIDENTE - Ciumento de Rosário Testa?

MALERBA - Sim, senhor.

PRESIDENTE - E com razão?

MALERBA - Sim, senhor.

PRESIDENTE - Como é possível que Rosário Testa, homem novo, casado com uma mulher bonita, desse motivo ao réu para ser ciumento dele, por sua causa?

MALERBA - É a verdade, assim como haver Deus.

PRESIDENTE - Está bem, continue.

MALERBA - Conheci esse pobre rapaz... o morto, ainda antes de conhecer

o réu. Conheci-o muito antes dele casar. Nesse tempo cha-

mavam-me "A Morena dos Canais". Rosário Testa era vendedor

de fruta. Era boa pessoa, mas libertino. Cortejava todas

as lavadeiras dos Canais e todas as criadas que vinham

às compras. Mas tinha um fraco especial por mim. É que

uma vez, numa festa, partiram-lhe a cabeça por causa de

um marinheiro, bêbado me pretender. Depois vim a saber

que se casara e mudara de ~~lugar~~ ^{lugar}. Foi para S. Plácido, com

a sua banca. Nunca mais o avistei. Era o tempo da cólera

e eu juntei-me com este homem, com o réu. É também um bom

homem, capaz de tirar o pão da boca para me dar. Mas ciumen-

to como um turco. "Onde estiveste?" E depois batia com

uma pedra na cabeça, arrependido das pancadas que me dava.

Nesse ano da cólera, quase toda a gente fugia, e passava-

-se realmente fome. Este pobre homem até pensou fazer-se

coveiro, para que eu não precisasse de recorrer a esta vida.

MALERBA (Continuação).... Preferia passar fome do que aceitar ajuda

do que ^{eu} ganhava. Sim, posso dizê-lo na cara dele, agora que vão condená-lo. Ele dizia, coitado: "Não, não quero. Quando penso na maneira como ganhas esse dinheiro, não posso engolir este pão que me dá". Mas eu, que podia fazer?

"Pelo menos, não quero pensar nisso", dizia ele. Mas também tinha os seus caprichos, como uma mulher, e não queria que certos homens andassem à minha volta, de nenhum modo.

Ficava como louco. Puxava pelos cabelos e mordida as mãos, por já não ser jovem. Se me via em companhia do empregado da Alfândega, que era um homem de belo aspecto, dizia-me:

"Vês esta moeda afiada, que eu trago propositadamente no bolso? Corto-te a cara com ela e depois mato-me. E assim

veio a fazer. Eu disse-lhe: "De que serve? Agora que me assinalaste, já ninguém me há-de querer e, portanto, não tens razão para ter ciúme".

(Pausa. Murmúrios no auditório)

MALERBA - Mas não foi assim, senhor Presidente. Os homens continuavam a querer-me. Claro, os homens são como os gatos...

PRESIDENTE - E Rosário Testa era também assim?

MALERBA - Sim, senhor, era também assim. Eu já disse que ele era um discolor, coitado. E também eu, ao voltar a vê-lo, me sentia toda fraca, como se me tivessem dado de beber.

MALERBA (Continuação) Dizia-lhe que não, porque este homem, o réu, andava sempre perto, a descarregar enxofre, no armazém, e muitas vezes me disse: "Olha que se voltas a ligar-te ao Rosário Testa, faço a festa aos dois". Mas o amor antigo não se esquece, sabe V. Senhoria...

PRESIDENTE - Basta. Diga como aconteceu o homicídio.

MALERBA - Assim, com aquela faquita dos figos bravos que está ali à mostra, senhor Presidente.

PRESIDENTE - Rosário Testa estava armado?

MALERBA - Ele? Pobre rapaz! Convidou-me para comer figos bravos, uma gentileza das suas, ao balcão do Pocaroba, que os recebe de Paternó e os tem para vender até ao Natal. Pocaroba disse: "Olhem que o outro anda com suspeitas. Espreita a ^{tudo} o momento à porta do armazém, para manter o compadre Rosário Testa debaixo de olho". E Rosário Testa disse; Deixei-o espreitar, compadre Pocaroba, que eu rio-me dele e do seu padroeiro".

Então eu larguei os figos e procurei ^{convencer} Rosário Testa a sair dali. Mas o outro apareceu, a correr, do lado do arco da linha do comboio, todo branco de enxofre, caiu-nos em cima ^{com} dois saltos, os olhos a brilhar, como os de um bêbado. Agarrou na faquita que estava no balcão e, antes que alguém pudesse falar...

PRESIDENTE - O réu tem alguma coisa a acrescentar?

RÉU - Nada, senhor Presidente. Esta é a santa verdade.

PRESIDENTE - Tem a palavra o Delegado do Ministério Público.

DELEGADO - Senhor Presidente, senhores jurados, viram em que ambiente de vício abjecto vivia o réu. Na lama do mais baixo estrato social. E daí ter-se produzido este delicto. Nem a paixão nem o ciúme desculpam ou justificam o gesto do réu. O vício que vive na desonra ousou rebelar-se com o delicto!

— Separada —
PRESIDENTE - Tem a palavra o Advogado de Defesa.

ADVOGADO - Sem menosprezar a opinião do meu caro Colega, entendo que se devo atender ao estado psicológico e moral dos actores deste drama lúgubre. Hoje há novas teorias sobre o grau de responsabilidade humana. O réu sofreu uma provocação grave e uma injúria. E merece a nossa compaixão, esse seu ciúme mórbido e senil, feito de humilhações e de abandono. Certo é que não são as consciências dos homens honestos, vividos no culto da família, que vão sensibilizar-se com este drama. Não podem descer aos abismos destes corações tenebrosos e destas existências infimas, para descobrir o móbil de certos delictos passionais. Talvez só o sentimento mais delicado e imaginoso das damas elegantes, aqui presentes, possa descortinar o ténue fio que liga os factos mais monstruosos ao sentimento mais nobre, nestes espíritos rudes.

— Separada —
PRESIDENTE - O réu tem alguma coisa a dizer em sua defesa?

RÉU - Senhor Presidente, matei Rosário Testa, agora tenho eu de morrer também. Assim está escrito na lei, e está bem. A Malerba, cottada, é a mulher que é, e também isso está bem. Mas quando a abandonavam no banco do cais, como um sapato velho, quem ia dizer-lhe uma boa palavra era eu, e com quem ela desabafava era também comigo. Os outros, paciência, hoje este, amanhã

RÉU (Continuação)... aquele. Davam-lhe dinheiro, mas diziam-lhe más palavras e ela nem voltava a pensar neles. Mas com o Rosário Testa, não senhor! Sempre que se encontrava com ele voltava para casa toda alvoroçada, os olhos a luzir como luminárias. Um dia eu disse a Rosário Testa: "Tu não te interessas dela. Tu tens mulher e filhos. Afasta-te. Bem sabes que eu só a tenho a ela!"

(Murmúrios no auditório)

PRESIDENTE - O Tribunal retira-se para deliberar.

(Ruído de público. Vozear.)

1º HOMEM - Acho que o réu tem atenuantes, no fim de contas. Cortado, causa pena, como diz o Advogado.

2º HOMEM - O delegado do Ministério Público foi duro.

1º HOMEM - Ora. Entende o offício dele assim. Atenção. Os juizes regressam.

PRESIDENTE - O Tribunal deliberou condenar o réu a prisão perpétua!

(Murmúrios entre o auditório)

RÉU - Ah, senhor Presidente, eu bem lho disse a ele que isto acabaria assim. Fico vivo, mas a fazer vida de morto. Como enterrado vivo. Na minha idade, é o mesmo que ir para a cova.

PRESIDENTE - O Tribunal ainda usou de piedade com o réu, olhando às atenuantes.

RÉU - Eu ~~sei, sei,~~ sei, senhor Presidente. Obrigado. Claro, só podia ser assim ou pior. A lei é ~~assim~~ como é, ~~assim~~
~~assim~~ Eu bem lho dizia a ele, senhor Presidente. Eu acabei com ele e a lei acaba comigo.

FIM

Rosalie Brancamp

Lisboa, 7 de Março de 1977

Exmo. Senhor

Fernando Gusmão

Digmo. Super-Visor da Secção "Drama"

RADIO-DIFUSÃO PORTUGUESA

Exmo. Senhor Fernando Gusmão,

Junto a segunda adaptação de uma novela de Giovanni Verga
- UM PROCESSO. Espero esteja em ordem para o vosso MINI-TEATRO.

Grata pela notícia que me transmitiu a Exma. Senhora Dona
Carmem Judite, da aprovação, pela Direcção de Programas, da adaptação
anterior de texto do mesmo Escritor italiano.

Rogava a V. Ex^a se interessasse pela sua gravação e emissão,
de modo a que não fique muito delongada.

Aproveito para juntar proposta para um Folhetim.

Com elevada estima,

Irene de Oliveira Cecília
(Rosália Brancamp)

P.S. - Peço desculpa de não ter conseguido dactilografar logo esta
peça, na data em que ficou pronta, 23 de Fevereiro, no meu
regresso de uns ~~dias~~ no Ribatejo. Passei logo a outro tra-
balho, enquanto não recebia notícias sobre a aceitação do
primeiro trabalho.

Rosália Brancamp

PROPOSTA À SECÇÃO DRAMA

da

RADIODIFUSÃO PORTUGUESA

A signatária, de seu nome civil Irene de Oliveira Cecílio, e com o pseudónimo de Rosália Brancamp, propõe à Secção Drama a adaptação, em folhetim, do Romance de LUIS DE STTAU MONTEIRO, "Angústia para Jantar".

Indaga igualmente se seria aceite, para adaptação a Folhetim, o Romance "As Mãos sobre o Corpo", da Escritora Teresa Horta, já por mim contactada, e que anuia a essa adaptação.

Lisboa, 7 de Março de 1977

Irene de Oliveira Cecílio
(Rosália Brancamp)

"Um Romance não chega!"